PERCEPÇÃO DOS FILHOS SOBRE O DIVÓRCIO DOS PAIS
CHILDREN'S PERCEPTION ABOUT FATHER'S DIVORCE
LA PERCEPCIÓN DE LOS HIJOS SOBRE EL DIVORCIO DE LOS PADRES

*Kátia Maria Straube**
*Marília de Paula Gonçalves***
*Maria de Lourdes Centa****

RESUMO: Evento cada vez mais freqüente em nossa sociedade, o divórcio completa no Brasil, cerca de vinte anos de existência, configurando-se como instrumento de estudo essencial à compreensão das intensas transformações que ocorrem na família. Sendo um processo longo e complexo que envolve mudanças múltiplas, há necessidade de se promover a saúde dos membros da família envolvidos. Assim, é preciso dar condições para que este evento possa ser utilizado como ferramenta de solução para os conflitos familiares através do conhecimento e compreensão da experiência vivida, a fim de obter subsídios que ofereçam suporte aos envolvidos no processo, no sentido de elaborar suas decisões, ações e reações de forma positiva e satisfatória. O objetivo deste trabalho é retratar a percepção dos filhos sobre o divórcio dos pais através do conhecimento da experiência vivida no processo, para o que focalizou-se a faixa etária de 18 a 26 anos, momento em que já se pode ter compreensão maior das suas conseqüências. Para o presente estudo, utilizou-se a pesquisa qualitativa, do tipo exploratório-descritiva, que permite uma visão mais

ampla da problemática estudada. Os dados foram obtidos através de entrevista semi-estruturada com nove jovens adultos, de ambos os sexos, agrupados por semelhança de falas. A partir desses dados, formularam-se as categorias mais relevantes. Concluiu-se que os jovens reconhecem e racionalizam o processo do divórcio dos pais, tendendo a mascarar o sofrimento gerado pelo mesmo. Embora afirmem, em geral, que o divórcio foi uma boa solução para os pais, sentem a falta do vínculo proporcionado pela estrutura familiar. Apesar do tempo transcorrido, as feridas emocionais do divórcio persistem, seja sob a forma de expectativa elevada na realização de um casamento ideal, seja nos ressentimentos guardados para com um ou os dois pais divorciados.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Divórcio; Filhos; Sentimentos.

INTRODUÇÃO

É do senso comum que o mundo pós-moderno se caracteriza por grandes transformações que, em nenhum outro período da história da humanidade, ocorreram tão rápida e intensamente. A família, instituição básica da sociedade, é, possivelmente, o locus de mudanças mais exacerbadas que atingem as relações familiares e o casamento contemporâneo. Inserido nesse contexto, surge o divórcio, resultado

* Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestranda em Saúde pela Univali, Especialista em Psicologia Clínica, Professora de Pós-Graduação; kathi@onda.com.br.

** Psicóloga, Psicanalista,

*** Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professora Sênior do Depto. de Pós-Graduação em enfermagem da UFPR, Coordenadora do Grupo de Estudos Família, Saúde e Desenvolvimento (GEFASD).

das profundas transformações familiares, cuja incidência cresce progressivamente em nossa época. Diante de tal constatação, muita vezes é considerado como uma transição familiar, equivalente a outras crises do ciclo de vida familiar.

É, sem dúvida, ao olhar a história que se pode encontrar a compreensão da trajetória humana e seus dilemas existenciais. Após a Segunda Guerra Mundial, particularmente após os anos 60, assistiu-se a uma ampla gama de mudanças que trouxeram profundos questionamentos sobre os valores dominantes, sobre o papel da mulher, sobre os papéis familiares, resultado da eclosão do movimento feminista, de revoluções estudantis, da juventude hippie, da queda dos regimes totalitários, do avanço do capitalismo e suas contradições. Tais mudanças trouxeram, assim, um processo de gradativa liberalização da família em substituição à preocupação anterior de manter a instituição familiar. No Brasil, a ditadura implantada em 64, tentava conter as mudanças, revalorizando a autoridade do Estado e a postura conservadora. No entanto, as pressões para a liberdade, para a redemocratização e o exercício pleno da cidadania, cresciam e atingiam a família e o casamento. Com a queda das verdades absolutas, do poder da religião sobre o casamento, cresce o divórcio iniciando um novo ciclo de mudanças na vida familiar.

Similar a uma epidemia, o divórcio assolou a sociedade em questão de duas décadas, atingindo-a, atualmente, em um elevado número dos casamentos consumados. Mesmo exibindo altos índices, pode-se afirmar que suas repercussões para os membros da família são significativas em todos os âmbitos, principalmente, no emocional e material.⁽¹⁾

Sua efetivação resulta na necessidade de adaptação social de cada elemento e conseqüentes arranjos relacionais que exigem, tanto dos cônjuges quanto dos filhos, preparação e ajustes compatíveis com cada situação. A partir dessa demanda, justifica-se a necessidade de novos estudos que ampliem o conhecimento até aqui adquirido e lancem novos olhares sobre a questão, visando, sempre, a melhoria da qualidade de vida do ser humano.

OBJETIVOS

Retratar a percepção dos filhos sobre o divórcio de seus pais e suas conseqüências para o contínuo de suas vidas.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Vivemos uma época em que os temas sociais se apresentam demarcados por grandes paradoxos e contradições. A família, tema amplamente estudado por atores sociais das diversas áreas do conhecimento, amiúde as transformações que atravessa, não é exceção. Exige novos olhares focados no todo e em suas partes, uma vez que se constitui em unidade presente em todas as sociedades e em todos os tempos. É inerente à condição humana, a sobrevivência em grupos, e assim, a família, micro-sistema da sociedade, é o núcleo inicial onde os indivíduos interagem influenciando e ao mesmo tempo sendo influenciados pelo macro-sistema que os acolhe. “A família sempre tem passado por mudanças que correspondem às mudanças da sociedade. Tem assumido ou renunciado às funções de proteção e socialização de seus membros em resposta às necessidades da cultura.”⁽²⁾

Pesquisando o termo família, encontramos diferentes definições desde “pessoas aparentadas, que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”, “pessoas do mesmo sangue”; até, “ascendência, linhagem, estirpe”⁽³⁾. Em sua conceituação, percebe-se a “pluralidade de composições que incluem: laços sanguíneos, relações não-formalizadas por parentesco, família conjugal e extensa, núcleo doméstico e família não legitimada juridicamente, entre outras”.⁽⁴⁾

A palavra “família”, vem do vocábulo latino *famulus*, que significa “servo” ou “escravo”, designando, provavelmente, “o fato de serem as relações familiares, não só entre os povos primitivos como ao longo dos tempos, permeadas pela noção de posse e obediência: a mulher devia obedecer ao marido como seu amo e senhor fosse, e os filhos pertenciam a seus pais, a quem deviam a vida.”⁽⁵⁾

“Uma reflexão mais crítica sobre a família permite descobrir que, entre nós, ela não é apenas uma instituição social capaz de ser individualizada, mas constitui também e principalmente um *valor*. Há uma *escolha* por parte da sociedade brasileira, que valoriza e institucionaliza a família como uma instituição fundamental à própria vida social. Assim, a família é um grupo social, bem como uma rede de relações.”^(5,125)

A família, também é vista como fundamento básico e universal das sociedades. Se, originariamente foi tida como fenômeno biológico de conservação e reprodução, no decorrer dos tempos, transformou-se em fenômeno social, sofrendo considerável evolução até regulamentar suas bases conjugais conforme as leis contratuais, normas religiosas e morais. Portanto, consiste em um grupo doméstico e social no qual pais e filhos vivem juntos, em residência comum, cooperativamente, cujos membros estão unidos por laços de parentesco.^(6,7,8,9)

A grande mudança ocorrida no interior da família desenhou um novo quadro de vida familiar. Este contexto contemporâneo paradoxal se caracteriza tanto por um processo de individualização, crescente nas sociedades ocidentais, quanto pela necessidade de assegurar e sustentar a identidade de seus membros. Assim, ao lado da aparente desordem atual, do ponto de vista sócio-antropológico, o grupo familiar continua a desempenhar importante papel na reprodução biológica e social.⁽¹⁰⁾

Nas sociedades individualistas, a “família” (qualquer que seja a forma ou a estrutura) toma para si a função permanente de buscar conciliar o “eu” dos adultos e das crianças, pois o indivíduo, para tornar-se ele mesmo, necessita do olhar, apoio e cuidado das pessoas a quem ele atribui importância e sentido. Daí, a necessidade de transformação intrafamiliar para produzir tais indivíduos.⁽¹¹⁾

Alguns terapeutas familiares sustentam que o comportamento do ser humano é determinado por sua interação com os grupos sociais a que pertencem e que a partir do funcionamento familiar, é possível definir e conservar as diferenças humanas, dando

forma objetiva aos papéis distintos, mas mutuamente vinculados, de pai, de mãe e de filho, tidos como básicos em qualquer cultura.⁽¹²⁾

É a família, como matriz de identidade, que dá a seus membros, em todas as culturas, o cunho de individualidade. A identidade, entretanto, tem dois elementos: o sentido de pertencimento e o sentido de ser separado, os quais são misturados e administrados no núcleo familiar, constituindo a matriz de identidade.⁽²⁾

É considerada, portanto, como um *sistema de interação* que supera e articula os vários componentes individuais.⁽¹³⁾ Em todos os sentidos, é produto da evolução, sendo os vínculos familiares compostos por uma fusão de fatores: biológicos, psicológicos, sociais e econômicos. Biologicamente, a família serve para perpetuar a espécie, mas também, este papel pode ser desempenhado apenas para a organização adequada de forças sociais; psicologicamente, os membros da família estão ligados por mútua interdependência para a satisfação de suas necessidades afetivas, e, ainda, economicamente, estão unidos para assegurar suas necessidades materiais.⁽¹⁴⁾

A família possui quatro funções básicas ou fundamentais encontradas em todos os agrupamentos humanos que são: sexual, reprodutiva, econômica, educacional. Como agente educador, ela pode combinar duas funções específicas: socializadora e social. Alguns autores incluem entre as funções da família, zelar pelos aspectos religioso, jurídico, político e recreativo necessários à formação do indivíduo. É também função universal da família, o cuidado com os membros idosos e inválidos e a proteção dos interesses familiares contra estranhos.⁽⁶⁾

“Basicamente, porém, a família tem duas funções: assegurar a sobrevivência física e construir a humanidade essencial do homem.”⁽¹⁴⁾

Para garantir o desempenho dessas funções básicas, instituiu-se, historicamente, o casamento, que dá início à família. Para compreender as dinâmicas que envolvem o casamento atual e o processo crescente de divórcio precisamos

compreender o funcionamento da família contemporânea e conseqüentemente, o indivíduo que dela faz parte. Conforme apontam estudos sociológicos, particularmente realizados na França, citados por Singly, este indivíduo difere do indivíduo de gerações precedentes, tendo sido moldado progressivamente por uma sociedade que exige autenticidade, respeito à sua natureza, e, sobretudo, independência e autonomia. As sociedades contemporâneas impuseram o surgimento do indivíduo original, ou seja, valorizando e respeitando sua verdadeira natureza. Desta forma, gradativamente, constituiu-se no mundo ocidental, um mito de interioridade, de crença de que se esconde no fundo de si mesmo, um verdadeiro eu, uma identidade pessoal, à qual se juntou um outro imperativo, o de ser autônomo.⁽¹¹⁾

Dentro deste contexto individualista, a família assume a tarefa de conciliar as necessidades de viver na esfera privada, com uma ou várias pessoas, e de viver o eu em plenitude. Daí, as transformações intensas no seio familiar, particularmente evidentes a partir da segunda metade do século XX. Sabe-se que, do início do século XX até os anos 60, a família centrava-se no amor e afeição, sustentando papéis bem determinados que garantissem a prestação de serviços dos adultos ao grupo, em especial às crianças. Ao homem cabia o provimento material da família, e a sua dedicação plena ao trabalho, enquanto que à mulher cabia o cuidado da casa, das crianças e do marido, assegurando o bem-estar de cada um. É a chamada idade de ouro da família, que valoriza o casamento, tido como ideal de realização pessoal.

A partir daí, as famílias passaram a se constituir sob a lógica da individualização. Consolidou-se o desenvolvimento do trabalho assalariado feminino e conseqüentemente a maior independência das mulheres. Simultaneamente, elas adquiriram o controle da reprodução, ocorrendo, também, redução nos casamentos, possibilidade do divórcio por consentimento recíproco, elevação da coabitação. Neste período, ocorreu o desenvolvimento de uma nova pedagogia que respeita a natureza e as

necessidades da criança, ao invés de querer retificar suas imperfeições. Essa família denominada “moderna 2”,¹ é relacional e individualista, frágil e forte, sendo que no meio dessa tensão entre as polaridades, que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas.⁽¹¹⁾

A história das sociedades humanas mostra que, em geral, existem regras para as relações sexuais e a procriação de filhos e privilegia duas formas de relações entre os sexos: união e casamento. A união consiste no ajuntamento de indivíduos do sexo oposto sob a influência do impulso sexual. Já o matrimônio ou casamento, caracterizou-se pelo modo através do qual a sociedade humana estabelece as normas para a relação entre os sexos. O matrimônio, portanto, cria novas relações sociais e direitos recíprocos entre os cônjuges, e sua rede de parentesco, estabelecendo, também, os direitos e status dos filhos. Os costumes relacionados com o casamento são complexos, face as variações existentes e os diferentes fatores psicológicos envolvidos. Na maioria das sociedades, o casamento não é uma simples união entre cônjuges, mas basicamente a aliança entre grupos. A expectativa é que ele seja uma relação permanente, sendo o divórcio ou segundas núpcias considerados uma exceção.⁽⁶⁾

Na sociedade contemporânea, o casamento continua a ser importante, e os indivíduos se divorciam por não aceitarem que ele não corresponda às suas expectativas. A escolha do par conjugal já manifesta grande parte das características da vida familiar em formação, seus conflitos e complexidades. Ao se unir, o casal inicia uma nova trajetória psicológica de mútuas influências, seja de um para o outro, seja das famílias de origem de cada um sobre o outro,

¹ Singly, 2000, designa pelo termo “moderna 2”, a família atual, em que se intensificou a *individualidade*, tornando-a um espaço privado a serviço dos indivíduos, e a *lógica do amor*, ou seja, os cônjuges só ficam juntos sob a condição de se amarem. Compõe-se, pois, com a individualização, sendo que tanto a sua permanência quanto a sua instabilidade, se dão a esse preço. Não está em ruptura completa com a família “moderna 1”, aquela caracterizada no início do século XX até os anos 60, na medida em que continua a valorizar o amor e a afeição, porém, coloca como elemento central, o indivíduo e não mais o grupo reunido.

com suas histórias, tradições, mitos e expectativas. Este percurso psicológico se desenrola no tempo e coincide com o desenvolvimento do indivíduo e da vida familiar, caracterizando momentos importantes a que se denomina ciclo vital da família. Nestes momentos de transição ocorrem impasses e bloqueios que determinam crises e podem desencadear transtornos emocionais. Dentre os momentos de crise no ciclo de vida familiar, encontra-se o divórcio, processo longo e complexo que envolve múltiplas mudanças e requer uma reorganização do sistema familiar, pois ele constitui-se no maior rompimento do processo do ciclo vital da família, e cria um estado de desequilíbrio para todas as pessoas, em todos os níveis geracionais, por todo o sistema familiar nuclear e ampliado.⁽¹⁾

Pesquisas recentes inserem o divórcio num contexto de crise transicional que determina uma interrupção das tarefas de desenvolvimento individual e familiar, em prol da negociação de ajustes à nova situação. Cria um estado caótico e de desestabilização por um período de um a três anos, em geral, até que tenham ocorrido as adequações necessárias.

Embora o tema seja amplamente explorado, principalmente em publicações norte-americanas, há a predominância de pesquisas quantitativas, enquanto que os estudos qualitativos que informam sobre a experiência dos próprios sujeitos envolvidos, são escassos. No Brasil, em 1984, registraram-se 30.847 sentenças de divórcio em primeira instância, em 1994, os índices alcançavam 98.766 casos, e em 2002, 126.503 casos, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Todavia, ainda assim, as pesquisas são raras, e em especial, as de natureza qualitativa que “descrevem a experiência dos filhos.”

Entretanto, ao se analisar a percepção de 23 adolescentes, de aproximadamente 13 anos, residentes em Brasília, sobre as consequências positivas e negativas do divórcio, observou-se que os sentimentos descritos, por ocasião da separação, foram de tristeza, alívio e aceitação. O final do conflito parental foi percebido como o principal aspecto

positivo da separação por 21,5% dos adolescentes, embora 26,1% dos participantes do estudo não mencionaram qualquer efeito positivo. As consequências negativas emergiram em menor escala ainda, pois 39,1% do grupo considerou que nada desagradável tinha ocorrido, sendo que 17,4% descreveram a ausência paterna, mudanças na estrutura de vida, (presença de padrasto, mudança de casa, de escola) e, inclusive, dificuldades pessoais dos pais (tristeza, bebida)⁽¹⁶⁾. Em estudo realizado na Suécia, onde se focalizou a percepção de 32 crianças e adolescentes, de 7 a 18 anos, dois anos após o divórcio, observou-se que metade das crianças e dois terços dos adolescentes identificam o conflito parental e pressentiram que o divórcio iria acontecer.⁽¹⁶⁾ Estudiosos do assunto relatam, uma falta de comunicação entre pais e filhos decorrente do processo de separação devido, principalmente, a idéia de que falar sobre o divórcio perturba as crianças. Assim, os pais não tocam no assunto da separação e os filhos, em consequência disso, mantêm seus sentimentos escondidos.^(15,18)

As pesquisas sobre o divórcio mostram um cenário em que o ponto crucial é o conflito parental. O impacto sobre os filhos parece diferir de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontram e carece de estudos aprofundados. Em geral, reagem com raiva, medo, tristeza, culpa ou “esquecimento” Não se pode deixar de considerar que a disseminação do divórcio se fundou em **mitos** como: *permitir aos adultos realizar melhores escolhas e conseqüentes matrimônios mais felizes, mediante a possibilidade de desfazer os erros iniciais; se os pais são felizes as crianças também o são, ainda que se separem; preservar os sofrimentos dos filhos; o divórcio é crise passageira cujos efeitos maiores ocorrem no momento da separação e logo desaparecem, além de outros.*

De qualquer forma, os efeitos do divórcio não são os mesmos para todos os adultos nem para todas as crianças, variando de acordo com a idade, personalidade, grupo familiar, herança, atitudes religiosas e étnicas, saúde física, situação sócio-

econômica e outros fatores. Há evidências de efeitos tardios, envolvendo a família extensa e as demais pessoas que integram a rede de relações, seja positiva ou negativamente.⁽²⁰⁾ Judith S. Wallerstein, uma estudiosa americana, após três décadas de investigação sobre as conseqüências do divórcio em casais da Califórnia, diz que o divórcio não é um trauma emocional passageiro, mas que se converte no fator determinante dos sentimentos, atitudes e crescimento da pessoa. Descreve-o como experiência acumuladora, pois seu impacto nocivo aumenta com o tempo, chegando ao máximo na idade adulta, afetando a personalidade, a capacidade de confiar, as expectativas nas relações com outras pessoas e a capacidade de adaptação a mudanças. Ao mesmo tempo, afirma a autora que, paradoxalmente, os filhos desejam uniões firmes, duradouras até a morte, embora na prática encontrem muita dificuldade de concretizar tais expectativas.

Buscando compreender como os filhos enfrentaram o divórcio de seus pais, ou seja, como compreenderam e reagiram a este evento e quais as conseqüências para suas vidas, é que propusemos a realizar este estudo.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa tipo etnográfica, que compreende o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas. A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária. Observa como os grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de “revelar” o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem, documentando, monitorando, buscando o significado da ação.

LOCAL DO ESTUDO

Consultório particular de Psicologia da cidade de Curitiba, PR.

CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

A amostra deste estudo foi composta de 9 jovens, cinco do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idades entre 18 e 26 anos, com nível de instrução médio a superior, sendo que 5 (2 masculinos e 3 femininos) trabalham e possuem renda própria que varia entre R\$300,00 e R\$1000,00. Destes, três (1 masculino e 2 femininos) viveram a separação conjugal na primeira infância (idade pré-escolar); dois (1 masculino e 1 feminino), na segunda infância (idade escolar) e quatro (2 masculinos e 2 femininos), na adolescência. O tempo mínimo de separação era de quatro anos e o máximo de vinte anos. Entre os pais, em 8 casos havia o recasamento e entre as mães, 2 casos. Apenas, uma adolescente mora sozinha, uma mora com o pai e sete moram com a mãe e irmãos, por opção própria, sendo que destes, no decorrer da pesquisa, um deixou a casa da mãe para morar com a namorada que engravidou. Quanto a irmãos, dois eram filhos únicos do primeiro casamento dos pais, embora tenham, hoje, irmãos do segundo casamento destes. Dos nove sujeitos que compuseram a amostra, cinco têm irmãos do segundo casamento dos pais, sendo que, apenas três se referiram ao fato.

ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa realizada apoiou-se nas normas da Resolução 196/96 – Diretrizes e Normas Regulamentares de Pesquisas em Seres Humanos.⁽³⁾ A coleta de dados só foi iniciada após esclarecer os sujeitos sobre o objetivo e finalidades do estudo, seu direito de participar ou não, bem como de se retirar do estudo quando achasse conveniente, anonimato, sigilo e destino dos dados e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

COLETA DE DADOS

Utilizou-se de entrevista individual, semi-estruturada, solicitando-se, inicialmente, que os jovens relatassem o que lembravam da época do

divórcio dos pais. Não houve prévio roteiro, e a finalidade era permitir a fala livre e espontânea dos participantes para descrever sua vivência. À medida que fosse necessário e houvesse abertura, eram feitas perguntas específicas com o objetivo de maior esclarecimento. As entrevistas buscaram, também, informações sobre identificação, sentimentos e dificuldades vivenciadas, enfrentamento, consequências do divórcio e reconstrução a vida.

As entrevistas ocorreram em ambiente neutro, sem interferências externas, com duração média de uma hora e meia. As falas foram transcritas, buscando-se reproduzi-las conforme o relato original.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a obtenção dos dados, os mesmos foram discutidos e analisados, possibilitando-nos a construir as seguintes categorias: **SENTIMENTOS GERADOS NA ÉPOCA DA SEPARAÇÃO, REDE DE APOIO, CARÊNCIA GERADA, CONSEQUÊNCIAS DO DIVÓRCIO PARA O FUTURO, VIVENCIANDO O PROCESSO HOJE**, donde se obteve a categoria central: **VIVENCIANDO O DIVÓRCIO DOS PAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS**.

Em **SENTIMENTOS GERADOS NA ÉPOCA DA SEPARAÇÃO**, os jovens relatam ter poucas lembranças, principalmente quando o divórcio ocorreu na idade entre 3 e 5 anos, fato não observado entre os sujeitos que tinham mais idade. Isto resultou nas subcategorias: não lembrando e lembrando da separação dos pais.

Em **não lembrando da separação dos pais**, os jovens referem terem sentido a separação como algo ruim, desesperador, repleto de distanciamentos, enquanto que outros relatam que foi o melhor para os pais:

“Da época, não lembro nada; só que fui morar noutra casa com minha avó e minha mãe. Foi muito ruim. Acho que senti menos na infância do que na adolescência.”

“Quando era criança, ficava desesperada, mas quando aconteceu, já tinha uma noção, apoiava, já achava que era o melhor. Meu irmão mais velho, em seguida, foi para o H. e isso foi o mais chato do divórcio ”

“Meu pai nunca morou aqui, minha relação não mudou muito, ele só ficou mais distante, devido às vindas dele que ficaram mais espaçadas.”

“Não lembro quase. Não lembro do meu pai em casa. Não lembro se o que aconteceu foi antes ou depois a separação... Lembro quando meu pai foi para I. e logo depois fui com minha mãe e meu padrasto morar em M. Lembro que às vezes chorava porque queria o pai.”

“Se não se gostam mais, se estão brigando, não tem porque estar junto, não adianta ficar junto... A briga do casal, não pode ficar jogando para as crianças. Traição também não é legal.”

Em **lembrando da separação dos pais**, referem terem vivenciado sentimentos positivos e negativos neste período, os quais podem estar claros ou não para os jovens. Refletem, também, certa tendência a racionalizar o fato e, talvez, a mascarar o sofrimento sentido. A maioria dos jovens, que participaram deste estudo, afirmaram que o divórcio foi uma boa solução, principalmente para os pais conflituosos, enaltecendo a importância da convivência pacífica pós-separação, como fator de qualidade de vida para todos:

“Achei bom, foi o melhor para eles, porque não se davam bem. Não foi novidade. Todo mundo já estava esperando, foi na boa.”
(Masc., 19 anos, 14 na separação)

“Acho que foi a coisa certa ... Hoje, não gostaria de ver os dois juntos. Para ele, seria bom ter uma mulher como minha mãe. Ele mesmo diz. Mas para ela, não teria condição.” (Fem., 19 anos, 5 na separação)

“Foi bom eles pensarem neles e ninguém pensar na gente. Mas acho que às vezes, é importante analisar os filhos antes da separação ; tem filhos que sofrem mais com a separação dos pais, como meus primos.” (Masc., 26 anos, 23 na separação)

“Foi mais fácil a aceitação. Não foi repentina, veio ocorrendo. Foi falada na infância.” (Fem., 24 anos, 19 a na separação)

“Foi o melhor, foi um processo de anos, todo mundo já estava esperando” (Masc., 19 anos, 14 a na separação)

Entretanto, todos demonstraram dificuldades para comunicar as emoções e os sentimentos vividos na época da separação, percebendo-se mais intensamente sentimentos de mágoa, raiva, alívio, tristeza e negação.

No que diz respeito à **REDE DE APOIO**, os jovens relatam que tiveram apoio dos familiares e de sua rede de relações, principalmente, dos avós, irmãos, tios:

“Acho que senti menos na infância do que na adolescência. Tinha a avó que supria.” (Masc., 25 anos, 5 na separação)

“Via mais meu tio materno, que é meu padrinho, do que meu pai, que foi trabalhar no interior.” (Masc., 22 anos, 9 na separação)

“Não sofri muito com a separação deles ... Minha avó paterna estava sempre junto.” (Fem., 22 anos, 3 na separação)

“Não tive apoio de família porque eles moram longe. Amigos também não. Era entre a gente, a gente comentava, a gente ficava triste quando o pai ia em casa. Só mesmo entre nós irmãos ... a gente chorava junto. Logo separou todo mundo. Meu irmão foi para H., depois meu outro irmão, depois eu.” (Fem., 24 anos, 19 na separação)

“Tive apoio do meu irmão mais velho ...” (Masc., 19 anos, 14 na separação)

“Minha avó paterna, até hoje ela dá apoio, intermedia as coisas ...” (Fem., 19 anos, 5 na separação)

Em **CARÊNCIA GERADA**, os jovens relatam terem sentido a falta do pai e de recursos materiais, o que causou desequilíbrio afetivo e material em suas vidas. Isto gerou as seguintes subcategorias: falta do pai e falta de recursos materiais.

Em **sentindo a falta do pai**, eles referem sentir falta dos pais conhecerem como eles são, de conselhos, da presença de afeto, de família:

“Sinto por ele não me conhecer como sou, de saber do que eu gosto, sinto falta de conselho de pai. Vejo ele como ideal, me identificava com ele, hoje me vejo muito parecida com ele. Sempre tive medo da reprovação dele. É muito difícil falar com meu pai. Ele me cobra muito, me vê como adolescente.” (Fem., 23 anos, 20 na separação)

“Sempre que estava com meu pai, exagerava em tudo, talvez porque quisesse sempre chamar atenção dele, ele estava perto, mas ausente.” (Masc., 25 anos, 5 na separação)

“Materialmente, nunca me faltou nada, mesmo longe ele não deixou faltar; minha mãe também nunca deixou faltar nada. Com certeza, o mais difícil foi o lado afetivo.” (Fem., 19 anos, 5 na separação)

“A necessidade é de família dentro de casa, com pai, mãe, irmãos. Nunca tive isso, relação de irmãos, pai e mãe. Senti falta e até hoje sinto falta. Mesmo meu padrasto, nunca chamei de pai e eles demoraram a ter filho.” (Fem., 19 anos, 5 na separação)

“Se eles ainda estivessem casados, minha relação com ele seria mais fácil. A mulher dele influencia. Se fosse minha mãe, ele me

entenderia mais.” (Fem., 19 anos, 5 na separação)

“Nunca morei com ele. Isso talvez, tenha influenciado para não ter paciência com as manias dele. Ele é metódico, tem horário pra tudo. Com minha mãe, me abro mais. É mais cúmplice. Com meu pai, é mais difícil. Não conto minha vida pra ele.” (Fem., 22 anos, 3 na separação)

“A chatice dele piorou, tá ficando mais velho, tá dando atenção demais, não posso dar um passo. Liga toda hora.” (Masc., 19 anos, 14 na separação)

“Não tenho convivência com ele, só por telefone. Nunca fui apegado. Não gosto que se metam em minha vida. Eu não me meti na separação e a outra relação, acho normal.” (Masc., 26 anos, 23 na separação)

“Com meu pai, foi estranho. Ele já era omissso. Perder o pai que nunca tive ... Fui sozinho ao estádio de futebol, quando é o pai que leva. Quem está separado, apesar de um ter a guarda, o outro não perde o pátrio poder, continua sendo pai.” (Masc., 22 anos, 9 na separação)

Em **falta de recursos materiais**, eles referem ter sentido raiva, revolta devido a mudanças do padrão de vida:

“Acho que a parte ruim é a material. Antes eram dois ganhando. Minha mãe tem raiva porque ele sustenta tudo lá em B. e aqui, nada, as coisas são diferentes. Ele não paga nada.” (Masc., 22 anos, 9 na separação)

“Muitas vezes, o aspecto material pesou mais que o afetivo. Isso me fazia me sentir muito mal, revoltado com meu pai e minha mãe. ... Sempre convivi com pessoas de classe social alta e isso era difícil. Me sentia mal, como peixe fora d'água.” (Masc., 25 anos, 5 na separação)

“Tive que ajudar mais em casa, fazer as coisas, não tinha mais gente para trabalhar, fazer os serviços domésticos.” (Masc., 19 anos, 14 na separação)

Em **CONSEQUÊNCIAS PARA O FUTURO**, eles relatam sua visão atual sobre relacionamentos, a preocupação em não repetir as falhas paternas, em escolher o companheiro certo, o desejo de construir uma família duradoura, mas não confiam no casamento. A maioria refere que sua preocupação maior é com a vida profissional:

“Se não se gostam mais, se estão brigando, não tem porque estar junto, não adianta ficar junto. ... A briga do casal, não pode ficar jogando para as crianças. Traição também não é legal.” (Masc, 22 anos, 9 na separação)

“Não acredito mais em casamento a longo prazo, casamento não dura, por isso, mulher tem que ser independente, ter sua vida, pensar bem no trabalho, na carreira. Mas, quero casar, ter filhos, vou tentar.” (Fem., 22 anos, 3 na separação)

“O mais problemático é não confiar no casamento, me preocupo mais com minha vida profissional. Só caso quando minha vida estiver estruturada, hoje não abro mão da minha vida pelo casamento, fiquei egoísta.” (Fem., 23 anos, 20 na separação)

“Tenho uma namorada de cinco anos que está grávida de oito meses, pretendo achar um apartamento e ir morar com ela. Para mim, a gravidez foi bom, pois eu tinha receio do que ele ia achar e dizer, por eu estar tendo um filho e sendo sustentado, assim ele não pode dizer nada.” (Masc., 26 anos, 23 na separação)

Em **VIVENCIANDO O PROCESSO HOJE**, eles relatam dificuldades em relacionar-se com o sexo oposto e a expectativa de escolher o companheiro certo:

“Acho que minha dificuldade com as meninas hoje, é em função do relacionamento fracassado dos meus pais. Sempre quis ser modelo diferente do meu pai, que era mulherengo.” (Masc., 25 anos, 5 na separação)

“Se casar, tem que ser com a pessoa certa, pra não ter que depois se separar. Tem que ser meio parecido, gostar das mesmas coisas, saber respeitar.” (Masc., 19 anos, 14 na separação)

“Senti uma invejinha da família com pais juntos e irmãos. Penso que quero dar isso para meus filhos. Me imagino hoje, casada com alguém que não vou ter dúvidas. Quero alguém que seja 100%, sem risco, até por causa dos filhos.” (Fem., 19 anos, 5 na separação)

“Depois de tudo isso, comecei com a idéia de não querer casar, não só pelos meus pais, mas por tudo como a gente vê. Não acreditava mais em fidelidade. Casamento ficou com a imagem ruim. Hoje em dia, não penso mais assim.” (Fem., 24 anos, 19 na separação)

Os casos pesquisados mostram contextos familiares onde o nível de conflito era muito exacerbado, com muitas brigas, desavenças, omissões, divergências de opiniões e agressão física, e pouco exacerbado, onde os filhos não percebiam as brigas dos pais. Tais percepções do ambiente e das causas da separação parecem estar diretamente relacionadas à idade dos filhos na ocasião, sendo que os mais novos demonstram vaga lembrança e os mais velhos, relatam compreender melhor a situação, principalmente, mencionando que o divórcio foi a melhor alternativa para os pais. Percebeu-se, também que alguns retornaram à casa dos avós no período pós-separação, que a maioria buscou apoio em figuras significativas, outros relataram haver assumido o lugar do pai pelo menos por um breve

período de tempo, e apenas um vivenciou preconceitos decorrentes da situação do divórcio. Eles foram unânimes em expressar o desejo e necessidade de vivenciar o grupo familiar constituído (pai, mãe, irmãos) e a percepção do divórcio como positivo principalmente para os pais, mas reconheceram efeitos negativos que ele traz aos filhos.

CONCLUSÃO

Este estudo permite reafirmar que o divórcio é um processo complexo, que mobiliza os membros da família a realizarem fortes ajustes internos (individuais e intra-familiares) e externos (adaptações sociais), caracterizando-o como período de intensas vivências emocionais.

Apesar dos múltiplos sofrimentos vividos pelos filhos na ocasião do divórcio, percebe-se que eles o vêem, hoje, nesta fase de seu desenvolvimento, como evento positivo, na vida familiar. Isso significa que, o conflito conjugal, é, sem dúvida, um dos grandes estressores da vida dos filhos, gerando diversas reações cujos efeitos podem ser devastadores ou não. As reações iniciais são mais sofridas e parecem amenizar com o tempo, configurando-se em manifestações normais diante da crise em que se situa o divórcio. Mesmo assim, ele é sempre vivenciado de maneira dolorosa., o que faz com que os filhos se preocupem em repetir o processo, e projetem expectativas de casamento idealizado.

Os filhos demonstram apoiar a decisão dos pais em se separar, no sentido de buscarem a melhor solução para sua problemática enquanto indivíduos, reconhecendo que, até houve melhora em seu comportamento geral. Valorizam a individualidade, como importante fator a ser preservado, inclusive no casamento, embora, ela possa estar sendo exercida em detrimento dos desejos e necessidades dos filhos desta união.

Nas questões de gênero evidenciou-se certas nuances em relação às necessidades sentidas e percepções do processo. O gênero feminino expressou a interferência da área emocional, como

aspecto de maior dificuldade a ser enfrentada no divórcio, enquanto que, para o gênero masculino, o fator material aparece como mais relevante. Ressalte-se, aí, a indiscutível influência cultural.

A vivência do divórcio, não descarta a importância e significado da vida em família, sendo este um ideal a ser prospectado pelos jovens. Eles pensam em constituir família e na maneira que poderão fazer isso, sem repetir as falhas paternas, sem comprometer a individualidade e, ao mesmo tempo, promovendo a conjugalidade. De qualquer forma, parecem considerar a família como organização significativa para o bem-estar dos indivíduos que a compõe, apesar das muitas transformações por que tem passado, o que evidencia a percepção, muitas vezes, paradoxal de que ela ainda é como era, ao mesmo tempo que já não é mais como antes.

Os resultados sugerem a necessidade de pesquisas com o intuito de associar as diversas variáveis entre o divórcio, etapa do ciclo de vida em que ocorreu, fase de desenvolvimento dos membros, nível de conflito, dentre outras. É importante a orientação de pais e filhos, através de trabalhos de grupos de apoio e literatura, com a finalidade de propiciar a reestruturação familiar e a reorganização social.

ABSTRACT: Event of increasing frequency in our society, the divorce completes in Brazil about thirty years of existence, configuring itself as an essential study instrument for understanding the intense transformations that occur in the family. Being a long and complex process that involves multiple changes, there is the need in promoting the health of the involved family members. Thus, it is necessary to improve the conditions so that this event can be used as solution tool for the family conflicts, through the knowledge and understanding of the experienced facts, in order to get the subsidies that offer support for those people involved in the process, for guiding the elaboration of their decisions, actions and reactions in a positive and satisfactory form. The objective of this work is to make a portrait of the youngsters' perception of their

parents' divorce, through the knowledge of the experience lived in the process. It was chosen the age ranging from 18 to 26 years old, when one may have a better understanding of its consequences. For the present study qualitative research was used, of the explorer-descriptive type, that allows a more wide vision of the focused problematic. Data was obtained through half-structuralized interview of nine young adults, of both sexes, grouped by similarity of everyday language. From the obtained data, main categories were established. It is possible to conclude that the young recognizes and rationalizes the parents' divorce process, tending to mask the suffering generated from it. Although they affirm, in general, that the divorce was a good solution for the parents, they miss the support offered by the family structure. Even with the passing of time, the emotional wounds of the divorce persist, either as an excessive expectation for the accomplishment of an ideal marriage, or as sorrow related to either or both of the divorced parents.

KEYWORDS: Family; Divorce; Children; Feelings.

RESUMEN: El divorcio, un acto cada vez más común en nuestra sociedad, cumple en Brasil cerca de veinte años y se vuelve una forma de estudio primordial para entender las mudanzas que ocurren en la familia. Es un proceso extenso y complejo que envuelve varias transformaciones, habiendo necesidad de cuidar de la salud de los familiares comprometidos. Entonces es mejor, que pueda ser una herramienta de solución para las discordias familiares, por los conocimientos, comprensión y la experiencia vivida, con la finalidad de obtener subsidios que den seguridad a los involucrados, en el sentido de trabajar sus decisiones, acciones y reacciones de una manera positiva y satisfactoria. Este trabajo tiene por meta retratar la percepción de los hijos sobre el divorcio de sus padres, por medio del conocimiento que adquirieran sobre el asunto. La edad escogida fue de 18 a 26 años, momento en que se tiene una comprensión amplia de las consecuencias. Es un estudio cualitativo,

exploradora-descriptiva, lo que nos proporciona una mejor visión del problema. Fue empleada una entrevista seme-estructurada en nueve jóvenes maduros de ambos sexos, para coger los datos y fueron agrupados por las semejanzas de sus palabras. A seguir se formularon las clases más sobresalientes. Concluimos que los jóvenes reconocen y relacionan el proceso de divorcio de sus padres, pero la tendencia es disfrazar el sufrimiento que este les trajo. Dicen de forma general que el divorcio fue una buena solución para los padres; sienten falta de la estructura familiar. A pesar del tiempo transcurrido, las heridas emocionales del divorcio persisten, ya sea por la grande expectativa de realizar un casamiento ideal o en los resentimientos guardados para con uno de los padres divorciados.

PALABRAS-CLAVE: Familia; Divorcio; Hijos; Sentimientos.

REFERÊNCIAS

- (1) Carter & McGoldrick, 1995.
- (2) Minuchin, S. 1982
- (3) Aurélio, 1986.
- (4) Cerveny, 1994.
- (5) Osório, 1999.
- (6) Marconi & Presotto, 1998.
- (7) Mair, 1970.
- (8) Murdock, 1969.
- (9) Beals e Hoijer, 1969.
- (10) Peixoto e Cicchelli, 2000.
- (11) Singly, 2000.
- (12) Carneiro, 1983.
- (13) Andolfi, 1982.
- (14) Ackerman, 1986.
- (15) Souza, 2000.
- (16) Ribeiro, 1989.
- (17) Wadsby e Svedin, 1994.
- (18) Wallerstein e Kelly, 1980.
- (19) Brasil.
- (20) Kaslow e Schwartz, 1995.
- 1 CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995;
- 2 MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 1982;
- 3 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário** Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990;
- 4 CERVENY, C.M.; BERTHOUD, C. **Família e Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997;
- 5 OSÓRIO, L.C. **Terapia de Famílias**. Porto Alegre: Artmed, 2002;
- 6 MARCONI, M.; PRESOTTO, Z. **Antropologia**. São Paulo: Atlas, 1998;
- 7 MAIR, L. 1970, citado por MARCONI, M. & PRESOTTO, Z. **Antropologia**. São Paulo: Atlas, 1998;
- 8 MURDOCK, 1969 citado por MARCONI, M. & PRESOTTO, Z. **Antropologia**. São Paulo: Atlas, 1998;
- 9 BEALS; HOIJER, 1969 citado por MARCONI, M. & PRESOTTO, Z. **Antropologia**. São Paulo: Atlas, 1998;
- 10 PEIXOTO, C.E.; CICCHELLI, V.; SINGLY, F. **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000;
- 11 SINGLY, F.; PEIXOTO, C.E.; CICCHELLI, V. **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000;
- 12 CARNEIRO, T.F. **Família, Diagnóstico e Terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983;
- 13 ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; MENGHI, P. **Por Trás da Máscara Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1984;
- 14 ACKERMAN, N. **Diagnóstico e Tratamento das Relações Familiares**. Porto Alegre: Artmed, 1986;
- 15 SOUZA, R.M. **Depois que Papai e Mamãe se Separaram: um Relato dos Filhos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.16, n.3. Brasília, set/dez 2000;
- 16 RIBEIRO, M.A. **Separação Conjugal: o que os filhos acham e como se sentem**. *Estudos de Psicologia*, 2, 25-40;
- 17 WADSBY, M. & SVEDIN, C.G. citado por SOUZA, R.M. **Depois que Papai e Mamãe se Separaram: um Relato dos Filhos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.16, n.3. Brasília, set/dez, 2000;
- 18 WALLERSTEIN, J. & KELLY, J. citado por SOUZA, R.M. **Depois que Papai e Mamãe se Separaram: um Relato dos Filhos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.16, n.3. Brasília, set/dez, 2000;
- 19 LEGISLAÇÃO BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.196, de 10 de out/1996: **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos**. Brasília, 1997;
- 20 KASLOW, F.; SCHWARTZ, I.I. **As Dinâmicas do Divórcio – uma perspectiva de ciclo vital**. Campinas: Ed. Psy, 1995.

Recebido em 02/05/2003

Aceito em 29/08/2003